



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

17 de Junho de 1989

Ano XLVI — N.º 1181 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CALVÁRIO

REFLECTINDO

«16 por cento da humanidade tem nas mãos 60 por cento do rendimento mundial (e esses 16 por cento são, na maioria, constituídos por cristãos).»

Cristãos?... De nome, pois. As nações com este nome que enterram o Evangelho nos resíduos das fábricas de armas vendidas aos países com fome, não são, verdadeiramente, cristãs.

Em cada uma, os cristãos conscientes são minoria. Estas, as primeiras a tomar consciência dos problemas da fome e a correr em ajuda. E são, ainda, nos povos sofredores, as missões cristãs a conseguir levar à boca dos famintos as ajudas recebidas.

Ajudados por uma organização cristã — minoria no centro da Europa — realizámos um projecto de lavrar para o povo. Enxadas a trabalhar... Depois, fatura de mandioca. Também, é bom que o mundo saiba (e magoa o silêncio que se tem feito) das grandes ajudas que as associações cristãs têm levado a esses povos através da Caritas.

Há, de facto, o lado verdadeiro da afirmação inicial: Têm raiz cristã a maior parte das nações que iludem os povos em desenvolvimento e cheios de carências, com máquinas a troco de dólares ou matérias-primas. Vimos parques de máquinas sofisticadas para apanha de algodão; mas, por incrível que pareça, não havia algodão nem quem as manejasse. Outro parque, maior ainda, para o cultivo do arroz; mas, não saiu arroz. Um arsenal de motores de rega sem milho nem batatais para regar.

Servem estas imagens reais para nos deixarem a imagem dum cristianismo sem Cristo.

Seria possível acabar com a fome no mundo se os países desenvolvidos se empenhassem com a mesma paixão que estão pondo na guerra e na conquista do espaço.

Continua na página 4

Aqui, Lisboa!

• Escrever para O GAIATO é uma das mais importantes obrigações dos padres da rua, embora nem sempre seja fácil fazê-lo. Não que faltem os temas, aliás superabundantes. É que a vida absorvente e cheia que cada um de nós leva, com os imprevistos mais variados, não é de molde a facultar os espaços e a serenidade indispensáveis. Hoje, por exemplo, coligimos estas linhas com grande dificuldade, que só a noção do dever nos impõe, ainda que penosamente e à laia, passe o termo, de penitência.

De maneira esquemática afloremos nesta edição três aspectos: os pedidos de admissão de rapazes; o espectáculo chocante dos doentes mentais que vagueiam por certas zonas de Lisboa; e algumas palavras sobre a nossa Capela.

Na data em que escrevemos, meados de Maio, registamos já 104 pedidos de admissão, isto é, quase tantos quantos os habitan-

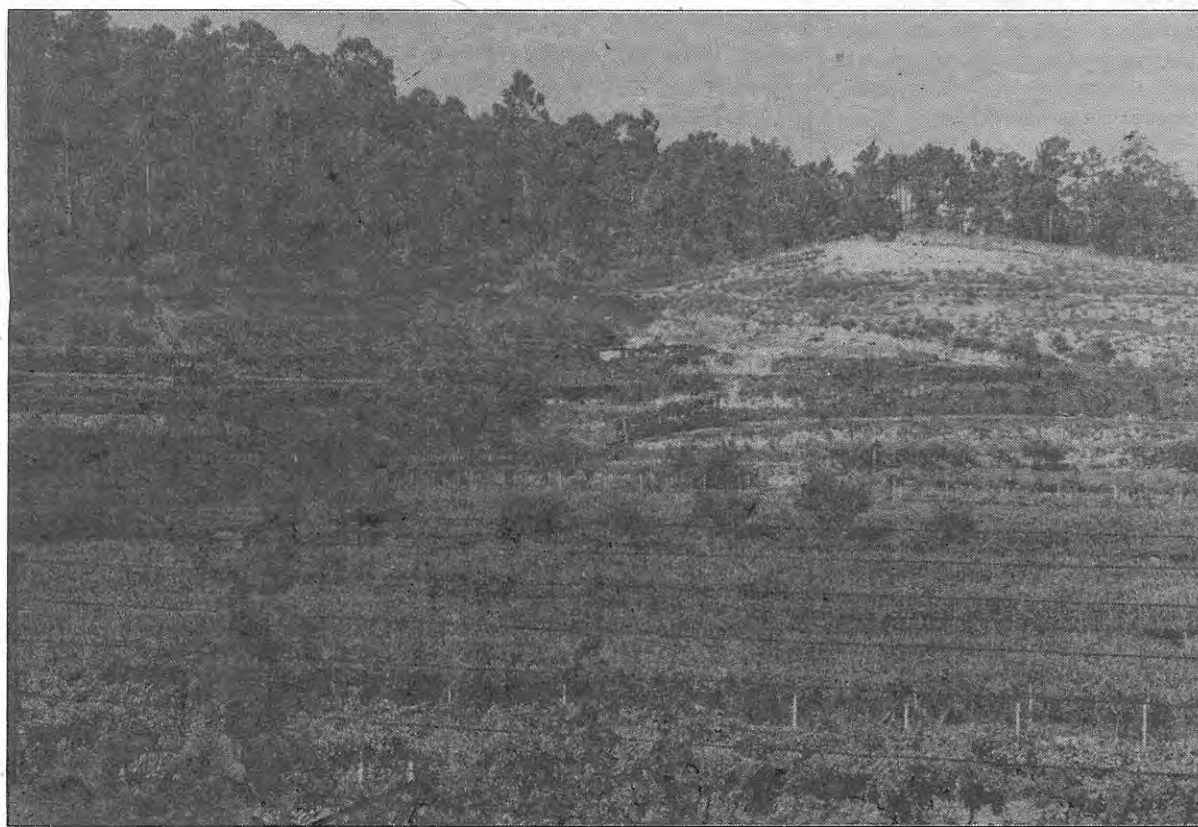
tes da Aldeia (120). Muitos dos casos apresentados são tragicamente dolorosos, mas, infelizmente, não lhes podemos dar resposta. Párcos, Religiosas, Vicentinos, Serviços Sociais, etc., são «fregueses» permanentes e a tendência é para aumentar o caudal de crianças abandonadas, sem família ou com ela destruída, vegetando, muitas vezes logo à partida, nas piores condições. Quanto mais os Valores se degradam, mais graves se tornam os problemas, ainda que o dinheiro não falte em muitas das situações. Isto para não falar nos estratos mais favorecidos, onde as questões atingem níveis aterradores e a dissolução moral é bem patente. Sem querermos ser pessimistas, que a esperança é a última coisa a perder-se, não vemos com bons augúrios o futuro da nossa sociedade.

• Já temos referido o facto. Leções de doentes dos hospitais psiquiátricos da Capital per-

correm as ruas adjacentes, e não só, muitos deles pedindo para os cigarros e para as bebidas. É sempre um espectáculo deprimente que nos choca vivamente, sobretudo, quando ainda por cima há gente, que não só garotada, capaz de ridicularizar os doentes psíquicos, sem respeito nenhum pela dignidade das pessoas. Ainda, se ao menos, os que assim procedem se lembrassem da «lei dos alcatruzes»!

• Finalmente, uma palavra sobre a Capela. As obras seguem o seu curso e já se vislumbra, como aliás já aqui referimos, aquilo que vai ser: um espaço nobre e digno para melhor louvarmos a Deus e bem servirmos os Homens. Não podemos, para já, prognosticar a data da sua inauguração, mas pensamos que tal venha a acontecer nas Bodas de Ouro da Obra da Rua, isto é, no próximo

Cont. na página 4



O garoto da rua prende-se e eleva-se. Se vem dum ambiente onde não faltavam os meios técnicos, mas não tinha a força criadora escondida na Natureza — árvores, flores, campos e animais — ao chegar, dá saltos de mudança.

NOTAS DA QUINZENA

1 Subia, vagarosamente, a encosta da zona agrícola que dá para a avenida da entrada na Aldeia. Lá em baixo, as vacas ficaram a pastar, ao cuidado do «Andorinha» e do «Pinguim». Era um quadro lindo que enchia os olhos e, qual torrente de paz, entrava pelo meu interior. Precisamos destes momentos para o nosso equilíbrio, como os pulmões necessitam do ar para que o sangue se renove.

O garoto que vem da rua prende-se e eleva-se. Se vem dum ambiente onde não faltavam os meios técnicos, mas não tinha a força criadora escondida na Natureza — as árvores, as flores, os campos e os animais — ao chegar, dá saltos de mudança.

Enquanto caminhava, vi o Paulo com a colher de pedreiro numa das mãos e a massa de cimento na outra. Consertava um muro, há pouco tempo caído e, agora, levantado. Parei, por momentos. Era a pincelada mais delicada, mais fina, do quadro que ia percorrendo com um olhar. Senão vede: Este pequeno veio, há cerca de 4 anos, para nossa Casa. Não tinha ninguém que o acolhesse durante as férias, pois frequentava um estabelecimento especializado de surdos-mudos. A Casa do Gaiato serviu de ama durante esse período. Não é a sua vocação ser ama. Sim, mãe. Ficou provado com o Paulo. Ele deu conta,

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Em acção concertada com o Pároco, instalámos novos moradores em algumas casas do Património dos Pobres — propriedade da comissão fabriqueira. Uma foi destinada a um indivíduo cuja esposa anda por lá e a filha d'ambos ao cuidado duma ama. Outra, para uma mulher que vivia em prédio degradado. Outra ainda, para uma família que ficara sem tecto, sendo ele pensionista e ela, mais nova, deficiente.

Procuramos conservar todas as habitações e dar-lhes um relativo conforto. Aliás, o tesoureiro aguarda propostas para obras inadiáveis: caixilharia arruinada, telhados a meter chuva, paredes que precisam de cal.

Estas moradias são uma memória da arrancada do Património dos Pobres, na década de 50. Presença viva de Pai Américo!

• Aquela viúva que precisou botáse-mos a mão ao processo de pensão de sobrevivência — por morte do marido, no Brasil — mostra, feliz, a resposta oficial.

Ninguém diria que esta mulher, a caminho dos setenta, seja uma lavra-deira a tempo inteiro.

— *S'o meu pai não m'obrigasse a ir pròs campos, logo ò amanhecer (eu gosto da lavoura!)... tinha feito a quarta-classe. E podia ir mais além...*

Conserva brincos e arrecadas. Socas. Xaile cruzado. Saia comprida. Taleiga no braço. Tem um ar optimista: alma tranquila — na Graça do Senhor.

— *Recebo sete notas, mas ainda não*

é tudo... Vão mandar mais, q'ando for possível.

Quem dera as instâncias respectivas compreendam a resignação desta viúva!

• Aquela Pobre que esperava um leito no hospital — para ser observada — já foi atendida.

— *Quinze dias no h'spital! Enq'anto lá estive, melhorei e piorei. Preciso fazer uma grande dieta...!*

O casal vicentino acompanha... Falámos do presente e também do futuro — deixará a venda ambulante porque, disse, «*não tenho pernas...!*»

Oportunamente, amealhara uns cobres para uma máquina de costura. Mas, «*agora o que m'afflige — desabafa — são as pessoas a quem comprei os farrapos. Eu quero pagar, se Deus m'ajudar...*»

O testemunho dos Simples é preciosa lição!

PARTILHA — Leça do Balio: 1.000\$00, de Jorge, comovido por um facto indicado nesta coluna. Idem, idem, da assinante 24851: como sempre, recorta a notícia, colada em papel de carta e sob anonimato.

Vale postal, de Amélia, em Santarém. S. Pedro do Sul: a oferta amiga, de Hermínia; chegou em ordem e acusámos recepção.

Durban (África do Sul): «*Pequenina ajuda (10 rands) para juntar às mais e para quem mais precisar. Basta uma palavrinha no querido O GAIATO*». Aqui está.

Outros 1.000\$00 da assinante 4546, de Lisboa, por intermédio do nosso Padre Luiz. Três vezes mais do assinante 9790 e a mensagem habitual:

«*Ouso pedir uma oração ao Senhor por todas as nossas famílias, para que sejam imitadoras constantes da Sagrada Família de Nazaré. Que a humildade,*

a simplicidade e a bondade presidam sempre às nossas vidas e assim possamos encontrar uns nos outros o apoio seguro para a nossa caminhada de peregrinos.»

Vancouver (Canadá):

«*No dia 14 de Maio festejou-se, neste país, o Dia da Mãe.*

Sou filha, sou mãe e já avó; mas não houve festa na família, a não ser a paz e alegria de haver saúde. Por isso, agradeço a Deus por nos ajudar e envio esta pequena lembrança (20 dólares) para uma mãe viúva ou solteira. Obrigada.»

Manhã de sábado, muito solarengo. Enquanto admirava a paisagem que se desfrutava, aquela senhora amiga que por aqui passa, «*de jacto*», deixa em nossas mãos: 2.500\$00 «*por alma dos meus pais*» e, duma amiga, 500\$00 «*por alma de Germano*».

Perguntam a forma correcta para remessa de ofertas. Eis o endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — ao cuidado do Jornal O GAIATO — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Presentemente estamos a visitar uma senhora, de seu nome Dália, deficiente, com uma paralisia nas pernas, para quem a solidão e a angústia estão bem patentes no seu íntimo. De facto, quantas vezes deve acordar, de manhã, e ao ver que nada se alterou, tem que suportar a dor e angústia de arrastar-se pelo chão da «*casa*» como forma de locomoção. Dissemos casa, mas o local onde habita nem é digno desse nome, pois encontra-se num elevado estado de degradação, entrando água, quando chove; e é constituída por uma só divisão que, além de pequena, funciona como cozinha e quarto de dormir, não existindo quaisquer condições sanitárias.

Como não tem ninguém a seu lado, a tempo inteiro, a D. Dália, com grande sacrifício, faz a limpeza da casa, lava o chão e a roupa, para dar um aspecto minimamente digno da sua personalidade, contrastando com o ambiente e a situação em que vive.

Perante esta situação, deveras conflagradora, a senhoria parece preferir a degradação progressiva da referida casa (embora esteja a usufruir a respectiva renda).

Todos têm direito à vida e a um lugar; e nós, vicentinos, tentamos levar um pouco de carinho e alento e alguns bens materiais para dar um pouco mais de luz e alegria às suas vidas, para que não desanimem.

Mas, como devem imaginar, os recursos escasseiam. Por essa razão, apelamos para a vossa generosidade e boa vontade. Não ignoreis o que se passa mesmo ao nosso lado. Dai um pouco de vós, algo que podeis eventualmente prescindir em prol de uma causa digna e humana.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Joaquina, 5.000\$00; anónimo, 5.000\$00; Manuel Leitão, 600\$00; anónimo, 1.000\$00; Maria, 5.000\$00; Branca, 5.000\$00; Cândida Neves, 2.500\$00; assinante 22801, 2.000\$00.

Maria Vilhena, de Queluz Ocidental, roupa; J. R. D. pergunta se faz jeito um televisor e um rádio a pilhas. De certeza vai fazer a felicidade a algum dos nossos Pobres; a assinante 19177 manda 3.000\$00 e diz que neles inclui 350\$00 de duas amigas. Da Holanda, dois cheques de 7.000\$00 para o leite da Pobre do Henrique.

Casal vicentino

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — As nossas Festas terminaram na Mealhada, a 27 de Maio. Percorremos outras terras na zona centro do País.

As salas compostas e públicos diferentes. Quando chegávamos, os mordomos, prontos, acolhiam-nos afavelmente. No fim de cada convívio ofereciam apetitosas merendas.

Depois, pela madrugada, regressávamos a Casa, fatigados e cientes do nosso trabalho — um convívio com sabor a

«*pão nosso de cada dia*» Uma maneira poética de irmos ao encontro e, desse encontro tão acarinhado, trazermos mimos, como os pais para os filhos.

Assim, a peça da primeira parte, «*Um Segredo*», e variedades na segunda, com elenco humorístico («*O Centro Comercial Passa-Léria*») e um toque aos 500 anos dos Descobrimentos, aconchegámos animadamente as 10 noites e 4 tardes dos fins-de-semana.

Obrigados a todos que proporcionaram tudo se realizasse da melhor maneira.

DESPORTO — Como andámos atarefados nas Festas, durante esse período parámos a bola, aqui em Casa.

Agora, recomeçamos e estamos abertos a convites para jogarem connosco.

Na questão da arbitragem preferimos juizes de fora.

Se não houver gente grande para realizar encontros, venha gente miúda — para os nossos pequenos.

Façam o favor de nos contactar para se combinar um possível dia desocupado.

Guido

AGORA

As notícias que nestes meses P.e Baptista foi dando dos seus passos por terras do interior, animaram o diálogo que é esta coluna e fizeram crescer o caudal desta corrente que, graças a Deus, nunca secou. Por lá, ele ia «*cortando cheques*», como Pai Américo gostava de dizer. E às nossas Casas foi chegando a partilha dos «*tocados*». «*O V. pedido de telha tocou-me. Queiram aceitar esta pequena oferta que aqui junto... para meia dúzia delas. E bem hajam pelo 'toque'.*» É um José, do Porto, com dez contos.

Outros dizem o mesmo, doutra forma: «*Sou a assinante 14274. Leio o vosso jornal de ponta a ponta e gostaria de contribuir para todos os casos que referis. Como não me é possível, mando a insignificância de mil escudos para uma telha, pois o P.e Baptista tocou-me o coração.*»

De Lisboa, a assinante 19421, com a mesma quantia. Cinco vezes mais, de um médico de Gaia: «*Vivo da minha reforma. Se fosse rico mais mandaria*». O dobro das Termas de Monfortinho e «*agradeço uma oração pela minha filha que está a terminar o curso no Porto*».

De Lisboa: «*Sempre que meu marido lia O GAIATO, as lágrimas lhe afloravam, tantos são os sofrimentos e tão incapazes nos sentimos de abraçar de frente as vidas tortuosas desses nossos irmãos*». Em memória dele chega-nos cheque de cem contos.

Presenças das tais que nunca deixaram secar o fiozinho de água. São os das siglas (e parecidas que elas são!): **MM-AL**, duas vezes cinco contos. Só **MM**, quatro vezes quinze para a Casa da Paz e esta mensagem reveladora de uma alma humilde, por isso grande: «*Li as suas palavras amigas n'O GAIATO que hoje recebi. Li e compreendi. Por isso deixei de fazer contas. Enquanto for possível, mandarei a minha migalhinha, mas sem a preocupação de somar números. Que ela seja uma gota num oceano de amor e solidariedade fraterna*». **ML** aí está todos os dois meses, com oito de cada vez.

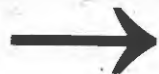
A Casa Louvado Seja N. S. Jesus Cristo não sei há quantos anos começou e não se vê vontade de que tenha fim. Mais duas entregas de vinte mil. A Dr.^a Felicidade vem de há menos tempo, mas dura já anos a sua presença mensal com igual quantia. No último recado, acrescenta à intenção habitual de sufragar a alma de seu pai mais esta recomendação: «*Se lhe restar tempo, reze também por mim, pelo meu trabalho, pelos meus doentes (que são, na sua maioria, leucémicos) e por minha mãe que também tem estado doente*». Felizes doentes que em tão alto nível são tratados!

J. P. R. é mais outra destas fontes incansáveis. Só que fosse a discreção admirável das suas passagens no Lar do Porto e já o seu dom seria precioso!

Do mealheiro no Teatro Sá da Bandeira houve um grande silêncio de quase um ano. Mas há tempo veio uma bolada de 284.500\$00. E depois dela, tem chegado a de cada mês: 36.900\$00 mais 31.800\$00 mais 30.700\$00.



Nesta máquina são impressos n'O GAIATO — pelos nossos rapazes — os endereços dos assinantes.



TRIBUNA DE COIMBRA

Terminaram as nossas Festas nas terras do Centro. Foram encontros-convívios maravilhosos para o corpo e para a alma. É isto mesmo que queremos seja a nossa mensagem.

Nestes dias tenho conversado com alguns dos nossos mais velhinhos e a impressão de todos é a mesma: *Gostei de tudo e de todos* — foi a expressão geral.

Já tinham saudades. Há dois anos que não nos víamos e somos todos uma família. Ouvi desabafos enternecedores de muitas saudades. Que coisas lindas! Matámos saudades e trouxemos ainda mais.

Começámos em Miranda do Corvo. É o nosso ninho. O Salão dos Bombeiros estava bem cheio. Muitas palmas, muitos sorrisos. Os Bombeiros entregaram 77.170\$00 e

De um licenciado, cuja única riqueza é o muito, muito trabalho que o ocupa, trezentos logo nos primeiros dias do ano e na Páscoa mais quinhentos e esta legenda: «É com um grande abraço, reconhecido, que hoje posso participar da vossa alegria em viver pelos outros, com os outros e para os outros. No segredo de Deus um grande voto de Esperança e de Fé na Ressurreição do Senhor Jesus».

Outra presença, do Porto, que se adivinha jovem:

«Olá caríssimos gaiatos!

Agradeço a esperança realista e alegre que se lê n' O GAIATO — vida.

Junto vai um depósito (23.100\$00). Como foi ganho a trabalhar em arquitectura, talvez possa render em habitação. Isto não é mais que uma sugestão. Vós é que sabeis onde dá mais.»

E outra que nos traz uma lufada igualmente reconfortante:

«Junto uma pequena gota. Embora não queira que a «esquerda veja o que faz a direita», sempre me atrevo a pedir: porque acredito na comunicação dos Santos e porque são muitas as dificuldades, as limitações, que nas vossas orações ponham ao Senhor de tudo... as intenções e carências deste seu filho. No meu intercâmbio, também procuro, não tanto quanto devia, louvar o Senhor pela vossa Obra, principalmente quando leio O GAIATO, porque me enche a alma e me transmite a certeza de que 'o Amor, a Caridade, nunca acabará'...

Com um abraço, fraternalmente unido a vós pelo Senhor de tudo.»
É de Grijó. E volta, não volta, aí está de novo.

Padre Carlos

muitos Amigos vieram com seus carros carregados para a nossa sala de jantar. Era já tarde quando nos despedimos.

Dia seguinte foi em Coimbra, no Gil Vicente. A sala tinha bastantes cadeiras vazias. Muitos estiveram ausentes por ser domingo à tarde. A assembleia presente vibrou. Os nossos Rapazes têm a impressão de que foi o melhor programa. Os bilhetes e capas somaram 169.040\$00. Um grupo de casais ofereceu um rico jantar em nossa Casa.

Depois, foi em Leiria. Pareceu-nos uma festa da Igreja Diocesana. A grande sala bem cheia. Muito carinho e aplausos. A ceia muito boa com a presença de bastantes jovens. Trouxemos coisas boas e 306.310\$00.

Em Mira, foi também uma sala esgotada. Muitos mimos de comer e de beber e muita alegria. Trouxemos lembranças e 121.613\$00. Padre Acílio e eu somos de lá. Aquela gente ama-nos muito.

No sábado seguinte, em Cantanhede. Os vicentinos prezam-se em receber sempre bem. Além de bastantes mimos entregaram 154.500\$00.

Domingo, em Arganil. O Teatro repleto. A sala da merenda cheia. Os vicentinos felizes com a nossa presença. Mais 131.327\$50.

Sexta-feira seguinte, subimos a serra e descemos ao Fundão. A grande sala do Casino estava cheia. Foi uma festa da igreja local. Muita alegria partilhada. 106.050\$00 em dinheiro.

Sábado, na Covilhã. Terra donde temos muitos meninos em nossa Casa. O Teatro-Cine abriu as portas. Aquela grande sala voltou a encher-se de alegria. Os nossos mordomos e nossas capas entregaram 297.370\$00.

Dia seguinte, em Castelo Branco. O salão da Misericórdia foi pequeno. Os idosos do Lar viveram connosco. Uma grande mesa na sala de jantar, bem servida, e todos «atacámos». As capas receberam 221.100\$00.

Anadia foi na quinta-feira seguinte. Anadia toda ela trabalha pela «Festa dos Gaiatos!» O palco é sempre um jardim maravilhosamente florido. Naquele dia é tudo para o Teatro e para a Festa. Trouxemos a carrinha abarrotada e 307.122\$00.

Tomar quer seguir sempre a sua velha e boa fama de hospitalidade. O carinho familiar do Cine-Teatro prolonga-se na grande sala onde nos servem a ceia. É sempre um banquete que trazemos para Casa. E ainda 271.100\$00.

Sábado, na Lousã. A sala da Escola estava encantadora! A Lousã sempre nos manifestou bom acolhimento. Com todos os mimos, trouxemos 106.750\$00.

Domingo, no salão nobre do Casino da Figueira da Foz. Que condições maravilhosas para a nossa Festa de Família! Os Rapazes muito aplaudidos. A merenda-jantar bem saboreada. Trouxemos muita alegria e 131.980\$00.

11.º ENCONTRO dos Antigos Gaiatos de Setúbal

De acordo com os Estatutos da Associação realizar-se-á no domingo, **dia 2 de Julho de 1989**, o nosso Encontro Anual, na Casa do Gaiato de Setúbal, com o seguinte programa: 8,30 h — Concentração no Lar de Setúbal; 9 h — Partida da caravana em direcção à nossa Casa em Algeruz; 10 h — Celebração da Eucaristia; 11,30 h — Reunião da Associação para tratar de assuntos de interesse comunitário e regulamentação da cobrança de quotas; 13,30 h — Almoço; 16,30 h — Jogo de futebol/convívio; 17,30 h — Lanche com sardinhada; 20 h — Dispersão.

Convidamos os antigos gaiatos a estarem presentes, acompanhados da esposa e filhos.

Gostaríamos que a presença se verificasse em grande número, pois é sempre bom encontrarmo-nos e manifestarmos o interesse pela nossa Associação e pelos laços que nos unem à Casa onde fomos criados, relembrando os bons e maus momentos que passámos.

É bom recordar! Ao menos uma vez no ano façamos uma paragem ao stress da vida, e convivamos como irmãos crescidos. Os que estão, precisam de nos ver e sentir a nossa amizade. O que nos ensinaram foi palavra vã? Não ficou ao menos a semente? Vem, irmão gaiato, reunamos a família que já é bastante numerosa.

Como sabeis, a Cooperativa de Habitação dos Gaiatos está constituída. Há necessidade de se concretizarem as inscrições em moldes diferentes das que prevaleciam no ano passado. Para esclarecimentos sobre este assunto estará presente o José Moreira que participou numa reunião efectuada em 25 de Fevereiro, no Lar do Porto. Comparece, pois a tua opinião é muito importante. Contamos contigo!

Moreira

RETALHOS DE VIDA



«Vira-latas»

Sou o Paulo Jorge Raposo, por alcunha «Vira-latas». Nasci em Angola a 6 de Outubro de 1975. Tenho 13 anos.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, com seis anos. A minha mãe não podia sustentar a mim e ao meu irmão Nilton.

Gosto de estar aqui, na Casa do Gaiato. Em Angola era um vadio; mas, agora, não quero ser.

Quando for grande gostava de ser padeiro.

Eu preciso de estudar muito para ser um homem...

Paulo («Vira-latas»)

Terminámos na Mealhada. A grande sala do Cinema Messias estava composta, apesar da chuva e trovoadas. A lateral, onde nos serviram a ceia, esteve festiva. A grande mesa cheia e o cheiro de coisas boas sempre no ar. Houve «parabéns» ao nosso professor Carlos Manuel pelos seus 50 anos e ao

«Tó» pelos seus 18. Houve garrafas a abrir e muita alegria em todos. Deixámos o dinheiro para ajudar a construir a nova igreja e, com muitas coisas, trouxemos mais amizade daqueles Amigos.

Demos, por tudo, graças a Deus.

Padre Horácio

CARTAS

«Vou distribuindo e colocando O GAIATO em estabelecimentos públicos frequentados pela população, pois, graças a Deus, com todos tenho boas relações e sou bem recebido; no entanto, as pessoas ainda não estão motivadas para as necessidades alheias. A reevangelização é difícil... Não há pessoas más e eu acredito sinceramente que cada qual actua como melhor sabe e pode. Há, no entanto, uma grande ignorância em relação à Nova e Eterna Aliança. As pessoas também não têm culpa de os antepassados não lhes terem proporcionado o verdadeiro anúncio do Evangelho de Jesus Cristo... Julgam-se cristãos porque são baptizados e fizeram as «comunhões» todas, em criança. Falta a solidariedade que não lhes foi nem é testemunhada.
Assinante 13079»

Entretanto, só agora me é possível enviar uma pequena quantia para auxílio das despesas, que hoje mesmo segue através de vale postal.
Assinante 15391»

«Desde criança que leio O GAIATO e, há alguns anos, sou assinante e distribuo-o pelos meus alunos. Já passou pela vossa Casa de Miranda de Corvo um deles que, infelizmente, não se manteve por lá e não trilha — hoje com 17 anos — bons caminhos!... Mas... é a vida!

Junto um cheque para a assinatura e um grande abraço para que Deus vos ajude a caminhar em frente!

Assinante 5636»

«Envergonhado, este ano, envio um cheque para a minha assinatura; mas espero fazer compensação, logo que possa, embora com pouco.

É o primeiro ano que o leio como assinante, mas quase podia dizer que o leio desde que ele apareceu à luz do dia! É uma leitura que atrai e desperta. Soubesse ou pudesse eu sempre corresponder!...
Assinante 49115»

«Há oito anos que recebo O GAIATO com assiduidade sem nunca ter dado nada em troca.

Quando, há cerca de seis anos, expus a minha situação financeira, muito débil, recebi como resposta que continuava a receber o jornal, mesmo sem dar qualquer contributo, o que jamais esquecerei.

O GAIATO ajudou muito à formação do carácter dos meus filhos que hoje são adultos.

O GAIATO

O preço de capa d'O GAIATO — sem alteração há mais de quatro anos — passa para 20\$00.

Aliás, a cotação material do Famoso é um formalismo legal (que temos de cumprir), pois deixamos «tudo à generosidade espontânea de cada um» dos leitores: Os que podem, retribuem; os que não, será quando, como e se puderem.

A nata intuição de Pai Américo — que fez d'O GAIATO o que ele é — não tem por base valores finitos, no caso vertente o deus-milhão. Por isso, a Partilha compensa tudo; especialmente a dos leitores pobres.

Júlio Mendes

DOCTRINA



...sem conhecer carinho de ninguém...

• Mais o segundo turno de Gaiatos a correr à velocidade de três notas de cem por dia e eu atrás deles, sozinho, a largar guita, até ao fim do novelo! Este turno é muito mais difícil; são rapazes a mudar a pena, onde há muito que podar, a modinho, não vá a gente fazer sangue.

• A graça e a inocência foram-se embora no primeiro. Tudo lhes ficava bem, até o «olhe aquele gajo que me passou uma rasteira!» No fim da temporada, já não havia gajos nem rasteiras. As bichas das merendas eram mais silenciosas, as sextas mais bem dormidas, a obediência mais pronta, o Terço da noite melhor rezado e o pedir coisas à mesa levava sempre o «se faz favor» na ponta da língua e o «muito obrigado» no fim.

• A gratidão também é mais aberta e toma aqui o seu lugar, porque nós tomamos o nosso no carinho que lhes damos; e eles não se deixam vencer, os pequeninos pobres. É vê-los no regresso dos passeios, negros como Gungunhana, das amoras, com ramos delas na mão para nos oferecer. Outros, mais habilidosos, trazem assobios de cana, bois de casca de pinheiro, barcos de cortiça e os mais pequeninos de todos trazem pinhões do chão.

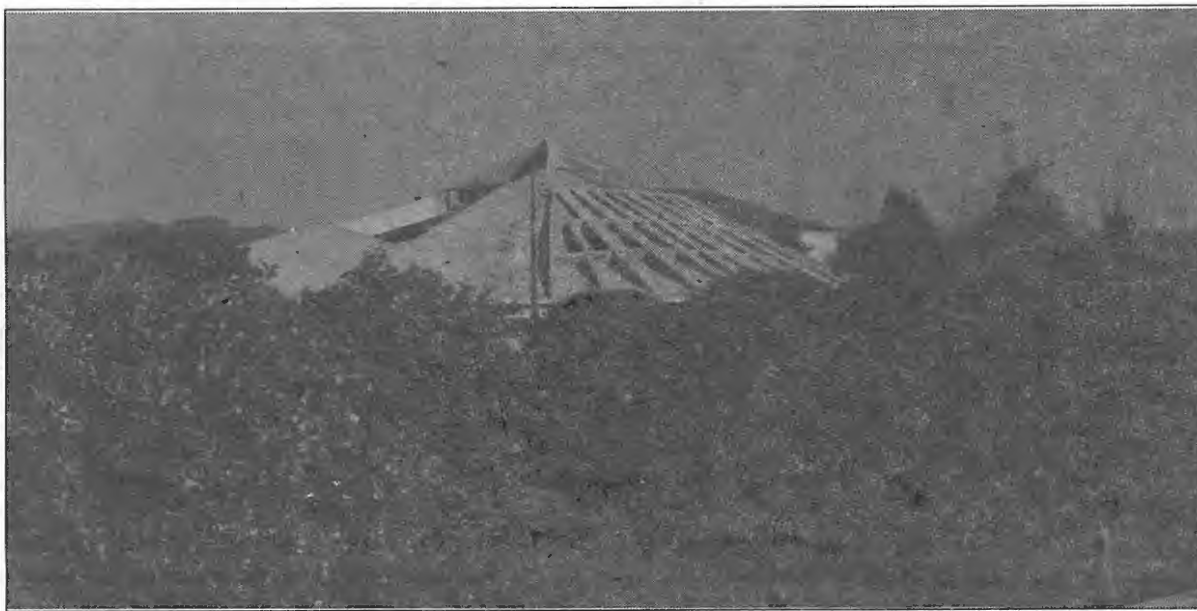
• Outros, ainda, marinhos por nós acima, a segredar um «ai, que o leite era tão docinho!» e deixam-nos ficar um beijo na cara em troca do leite quente. Nunca no mundo se pagou por tão alto preço uma taça de leite quente! Acusas os Pobres de ingratos? Ingrato és tu, que lhes não dás bem o que eles bem merecem. Sim; a gratidão dos pequeninos somente desabrocha ao calor do bem que se lhes faz por amor de Quem, no mundo, pedia que abrissem alas para que eles se aproximassem — *sinite!*

• A senhora Condessa do Ameal vinha aqui todos os anos trazer uma merenda, que ela mesmo distribuía, tocando com a sua as mãos de cada pequenino, a chorar de contente! E eles agora vieram dizer-me, na tardinha do dia onze, que queriam ir à Missa no dia doze, «que faz dois meses que a senhora Condessa nos morreu». Tão lindo aquele «nos morreu». A caridade extremada da Mestra que foi no mundo a fidalga do Ameal, vive entre estas crianças pobres, a ferver em cachão e a rebentar em fontes de gratidão, a pontos de chamarem «nossa» a quem em vida se lhes deu inteiramente.

• Não atires pedras aos Pobres, sem primeiro perguntar a ti mesmo o que tens feito em seu favor!

P. António

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)



Seguem o seu curso as obras da Capela da nossa Casa, em Santo António do Tojal, e já se vislumbra aquilo que vai ser: um espaço nobre e digno para melhor louvamos a Deus e bem servirmos os Homens.

O DIREITO DA FAMÍLIA

A conversa evocada na última edição d'O GAIATO — ponto de partida para as reflexões então feitas — foi oportunidade para a minha interlocutora inquirir dos

fundamentos do método da Obra da Rua para a educação dos seus Rapazes. Ela conhece-nos mediante a palavra escrita; e já teve ocasião de observar grupos nossos em presença

de outros congêneres e impressionou-a a diferença. Ela não sabe defini-la. Nem a diferença se lhe manifestou especialmente no formalismo dos comportamentos. É qualquer coisa que vem de dentro, de uma forma de viver, o que denuncia a diferença.

A pergunta é antiga. Pai Américo respondeu-lhe com aquela imagem da mãe, que não estuda métodos para dar o peito aos filhos. De ser mãe, a sua intuição é força poderosa e sábia, capaz de feitos que nunca ela imaginou. A consciência clara que porventura lhe falte a nível do agir, é uma realidade profunda a nível do ser. E se as raízes da relação com os filhos mergulham aqui, a seiva sobe e aquela mulher torna-se uma verdadeira educadora, fonte de autêntica cultura, independentemente das letras que tenha aprendido.

A minha interlocutora é desta espécie. Se o não fosse, não seria sensível à diferença sobre que interroga. Nem se daria a uma vida de semeadora em almas jovens. É professora. Tem letras. Estudou ciências pedagógicas, que não lhe fazem qualquer estorvo. Mas não é por elas que ela demanda problemas no íntimo de jovens. É porque ela própria tem instinto de mãe, ansia de dar vida, fecundidade paciente. Não se lhe dá do imediato do êxito nem desespera do que virá a longo prazo. Semeadora...! Colher é para quem for — é para os próprios em que semeia!

A «novidade» da Obra da Rua (continua a sê-lo cinquenta anos depois!) é ser Família e esperar que do ser brote a intuição pedagógica que, ao longo de gerações, tem diligenciado «fazer de cada rapaz um homem» — e assim há-de prosseguir. A grande descoberta de Pai Américo foi achar a pista do progresso social no «regresso a Nazaré» — nos valores naturais da família canonizados na Sagrada Família. Quando o amor, a humildade, o desejo de servir, for, nas famílias, tendência sinceramente procurada

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da página 1

em pouco tempo, de que estava em sua casa durante os 365 dias do ano. Os outros eram seus irmãos, com um relacionamento muito vivo.

A mudança foi tal que os responsáveis do dito estabelecimento, passado o tempo das férias, viram-no e não tiveram força para o levar e nós sem coragem para o empurrar.

— Ele andou mais em três meses que nos anos em que lá esteve!, disseram, felizes e admirados.

E ficou conosco. Agora, com 16 anos, trabalha como um homem. Ouve e fala com dificuldade. É respeitador e amigo. Maravilha!

Os meios técnicos valem muito. Não chegam; e pouco valem quando falta o coração e o ambiente natural. Pai Américo entendeu o segredo. A sua Fé, amadurecida na intimidade com o Senhor da Natureza, na comunhão com as pessoas, levou-o a descobrir a força imante, escondida, criadora, do mundo natural. O Paulo é mais uma testemunha.

Será que, na hora própria, quando tiver que voar mais longe e mais alto, aparecerão as mãos acolhedoras e as portas abertas para completar a obra, já adiantada, mas que não pode ser acabada na Casa do Gaiato? Cremos que sim.

2 O serviço dos Pobres é, pelo menos, tão duro como a vida deles. Quem é chamado ou chamada a esta missão, e não quer outra, há-de percorrer os mesmos caminhos do Senhor Jesus. É que não somos capazes de entender os Pobres se não descermos ao seu mundo. A grande dificuldade está aqui. Descer. Ouvi-los. Conheçê-los. Amá-los. Sem os estímulos sociais e mundanos que se encontram facilmente noutros sítios. É, por isso, que há almas inquietas. São os apaixonados pelos Pobres. Sobem os degraus da escada que leva ao Calvário. Carregam com suas dores e misérias. Abrem o caminho do alívio e da cura. E sabem, também, que podem ser aceites ou rejeitados. Quem aceita esta missão corre o risco do fracasso e do êxito porque, quem ama, vai sempre de encontro à liberdade da pessoa amada. Quem corre por amor, sofre e pode sofrer muito — mas não desanima.

— Que fazer daquela família que mais parece um farrapo que uma comunidade de vida? Parece que tudo está perdido; que não há espaço onde deitar a mão; que fazer?

O missionário dos Pobres acredita que o seu trabalho nunca é em vão. Vive da Fé. Ai, se assim não for! Quando a tentação do desânimo vem bater à porta, chore, ao menos, os seus pecados. O cuidado dos Pobres, em contacto com a miséria, com a impotência, purifica e aviva em nós a certeza de que somos um corpo solidário. É o mistério da Comunhão vivido pelos baptizados. Para os que não têm fé, há a descoberta do chamamento natural à solidariedade. Coragem!

Padre Manuel António

AQUI, LISBOA!

Cont. da página 1

ano. Entretanto, os acabamentos morosos vão pondo à prova os nervos de quem espera com ansiedade a sua conclusão.

Padre Luiz

CALVÁRIO

Cont. da página 1

...A dona de casa matou o último frango para umas visitas e colocou a seguir numa pedra do jardim as patas e todos os «por-dentro». Instantes depois, aparece um africano que apanha e come tudo ali mesmo...

A fome!

Um médico amigo teve que fechar a «sete-chaves» as vísceras humanas, para estudo...

A fome! Uma vergonha!

E será sempre uma nódoa para esta Europa abarrotada que amarfanhou o seu baptismo como a papel que se lança no cesto.

Padre Telmo

para o que era em Nazaré; e delas transbordar para a sociedade de que são célula — estamos no caminho do progresso social cristão.

Estes valores familiares são a nossa arma; não temos outra. Com remédios caseiros se têm curado grandes males. São esses remédios que dão o odor e o sabor da diferença, que se sente mas não é fácil definir.

A grande preocupação de Pai Américo foi o ser, suporte da verdade. E porque assim foi, da boca de crianças tirou Deus a verdade: o nome de pai por que foi trocado, com justeza e com justiça, o nome de padre. E onde o pai, aí a família.

Em uma das suas últimas Festas no Coliseu do Porto, o número forte do programa foi a chandada ao palco dos casais saídos da Obra que até àquela data se tinham constituído. Foi um jubiloso apresentar de contatos: a família dos que vieram por a não ter capaz, a produzir frutos esperanzosos, garantes de uma sociedade mais sã. E assim tem sido por graça de Deus.

Pois esta «palavra nova» que a Obra é; este sentimento de diferença que ela provoca e é a causa da simpatia e confiança de multidões — ainda não logrou abalar a sensibilidade embotada do mundo oficial. E o estatuto de Família que Pai Américo sonhou ver reconhecido, trinta e três anos depois da sua morte, permanece uma quimera.

Padre Carlos



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
 Fotocomp. e imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500768896